



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

7 de Junho de 2008 • Ano LXV • N.º 1676
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239



O melhor do mundo são as Crianças

MAS porquê, Senhor... — havia de continuar o paeta — denunciando o sofrimento de que são, tantas vezes, as crianças, vítimas inocentes por esse munda fora.

A ocorrência da celebração de mais um Dia Mundial da Criança faz-nos percorrer os meridianos com «a coração nas mãos», tantas são as situações, à escala planetária, de safrimentos, abusos e incúrias de que são vítimas, em números que nos fazem tremer.

Mesmo antes de nascerem, a ausência de uma cultura da vida, racional e afectiva, nas estruturas da sociedade, é pavorosa. O drama do abarta anda por aqui, não de forma virtual, mas em números que nos envergonham; que hão-de ser objecta de repúdio e de indignação das gerações que nos hão-de preceder. Sim, cremos, que hão-de vir gerações de homens e mulheres que hão-de condenar os critérios éticos desta sociedade actual no que concerne à defesa da vida. Também da vida que, nascendo, não encontra condições de se realizar, do ponto de vista humano, de forma digna.

As estatísticas falam de milhares de crianças que por hora e

por dia não encontram condições mínimas de sobrevivência; que morrem por falta de pão, cuidados básicos de higiene, saúde e outras condições de vida indispensáveis. Incontável o número das que são vítimas de sevícias e maldades, até culturalmente aceites... O grau de evolução de uma sociedade deve medir-se pela capacidade de incluir no seu seio os seus membros todos, principalmente os mais débeis e indefesos. Pai Américo recordava, de forma magistral: «ninguém se eleva sem elevar os outros».

Este Dia Mundial da Criança é sempre uma chamada de atenção, de reflexão e decisão para todos os grupos humanos, principalmente, para os poderes constituídos, para o muito que há a fazer pelos Direitos da Criança, há tanto consignados em Carta Magna, mas ainda tão longe de serem respeitados. É no campo da prevenção que se há-de investir também, já que muitas medidas são tomadas de forma cosmética ou epidérmica, quando o mal se encontra, verdadeiramente, a níveis mais profundos. É preciso atacar o mal na raiz, quando de doença se trata. Estimular, pela positiva, o

desenvolvimento do bem na sua raiz. A Família é a árvore mais bela deste «paraíso terreal» que urge preservar, estimular, defender para o bem de todas as crianças e da nosso futura.

Felicitemos todos os pais que lhes encham o coração de ternura e de esperança em palavras e gestos quotidianamente repetidos, quantas vezes no meio de enormes dificuldades: desemprego, baixos salários, condições de habitabilidade desumanas, entre outras.

Continua na página 3

MALANJE

Reflectindo

UMA sensação de tristeza me apanhou quando ao chegar à nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa não encontrei os «Batatinhas»...

Chamamos «Batatinhas» aos nossos mais pequeninos — talvez porque ajudavam a descascar as batatas e, todos em volta, rapavam o panelão, quando algum arroz ficava colado no fundo. Tempos! Padre Américo sorria e gozava estas cenas.

Porque não há?

Alguns foram mortos nos ventres das mães. Outros, são manipulados por grupos da sociedade que não «vê com o coração». Muito triste!

Em Angola é uma multidão de crianças: jogam a bola nas ruas, brincam nos campos, mergulham nos charcos, quando chove, e enchem as escolas.

Dom de ser mãe!

Alegria de nascer!

«Crescei e multiplicai-vos».

Que saudades já tenho dos nossos «Batatinhas» da Casa de Malanje. Saí a correr para não chorar... Entristeço-me, agora, no silêncio de um recanto.

O Pedro — um jovem que esteve com eles alguns meses — despediu-se e, eles, ofereceram-lhe uma flor. A grandeza de uma flor!...

À ti Ana — como eles a tratam e que lhes deu carinho durante ano e meio — encheram-lhe o coração de lágrimas!

«É tão misterioso o país das lágrimas!»...

«Onde vais, Portugal?» Li algures. Também não vejo claro. Milhares de jovens coabitam. Pensam no maior gozo, na maior comodidade. Muitos dizem não aos filhos e, se acontecem, alguns desfazem-se deles.

Continua na página 3

SETÚBAL

A desintegração da família

É hoje a principal causa que justifica a nossa existência, como Família para os sem-família.

Assistimos a situações de verdadeira revolta no que ficou da família, fomentada por situações e mentalidades que se imiscuíram na vida familiar, promovendo a sua desintegração. Nos nossos, a revolta contra os progenitores e as novas situações que assumiram nas suas vidas, sem terem em conta os interesses dos filhos que geraram.

Não tem sido a pobreza material a principal causa da destruição destas famílias. Outros desequilíbrios humanos estão na sua origem. Só atribuindo ao ser humano o seu verdadeiro valor, se podem vencer estes desequilíbrios. A nossa sociedade está tão carente desta consciência — do valor do Homem. Embora tantas vezes fale dele, outras tantas será para alcançar outros valores.

Há um gesto que nos nossos Rapazes amiudamente têm, para mim, carregado deste sentido de

promoção do Outro. Por vezes podem fazê-lo por brincadeira, mas outras vezes não é. Quando os vejo com outro mais pequeno às cavalitas, que não necessariamente um dos mais pequenos da Comunidade, de sorrisos escancarados nos lábios, a mostrar-se, vejo este desejo profundo e a realização desta mútua promoção humana. É o amor a uni-los e a elevá-los.

Ao contrário, na sociedade em geral, vemos um crescente isolamento dos indivíduos e o desencadear de múltiplos actos que convidam e influenciam as mentalidades para esse crescente isolamento. Em vez de abertura aos outros, a desconfiança.

A nós cabe-nos cuidar das vítimas da desintegração familiar e remediar as mais indefesas. Não ficamos parados a teorizar que a criança deve crescer na sua família quando esta se diluiu e aquela ficou prisioneira de sentimentos de rejeição perante os agentes que com ela partilharam essa vida iudesejada.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Cem euros, do assinante 9790: «Pequena ajuda em cheque. Desculpem, mas muito vos agradecia uma Oração ao Senhor por uma intenção particular. Bem-haja».

Avintes, 30 euros, do assinante 79482: «Envio donativo para aliviar as dores dos Pobres. Que este seja aplicado com as vossas prioridades. Não quero recibo. Bem-haja».

Assinante 5963, de Paço de Arcos, 350 euros «para a Conferência».

Mais, 50 euros, da assinante 61193, do Porto: «Correspondendo ao vosso apelo, lido n'O GAIATO, envio esta pequena ajuda, pedindo a Deus que ela seja multiplicada por todos aqueles que, como eu, ficaram sensibilizados».

Trinta euros, da assinante 72561, de Leça do Balio.

Assinante 75292, de Bucelas, presente com 75 euros: «Dou graças a Deus por, em Nome de Seu Filho Nosso Senhor, poder enviar-vos esta pequena quantia, para poderes socorrer os nossos irmãos mais necessitados. Estou certo que os Pobres elevarão graças a Deus por terem sido socorridos nas suas necessidades materiais, já que as espirituais, creio, brotaram da vossa alma de vicentinos».

De Tomar, 50 euros.

S. Mamede, por depósito bancário, «para os Pobres», 250 euros.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRO-PECUÁRIA — Será que S. Pedro tem mandado mesmo chover? De facto, tem chovido tanto que um dos nossos batatais ficou afogado. Têm crescido muitas ervas, que temos cortado e apanhado para os gados bovino e ovino.

O tempo húmido aumentou a moléstia (míldio) das batateiras; por isso, fizemos dois tratamentos com fungicida. Também, foi necessário tratarmos as videiras, nas duas latadas só para uvas de mesa.

Se a gripe das aves não atacar, como não havia galináceos em nossa Casa e são aves muito úteis para a alimentação, na feira de Miranda do Corvo, a 14 de Maio, quarta-feira, comprámos 5 galinhas poedeiras. Foram colocadas na antiga capoeira e demos-lhe do nosso milho, moído. Esperamos que ponham ovos...

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 50.700 exemplares

Nesse dia, arranjámos vários centos de cebolo, que depois plantámos na horta. Quem dera que vinguem, para termos boas cebolas.

Na feira, deram-nos vários pés de couve, alface, tomateiro, pimenteiro e berinjela, que foram plantados, também na horta. Semeámos, ainda feijão.

Para embelezar o jardim da nossa Capela, plantámos, a 21 de Maio, vários pés de amores perfeitos e macacos, que ficaram bonitos.

BENS ALIMENTARES — Não se pode estragar comida, que faz falta a muitas pessoas que passam fome. Continuamos a recolher alimentos para as nossas refeições. Agradecemos os excedentes de um convívio de trabalhadores florestais, na Lousã, e do dia da sopa, através dos Pais das crianças do Jardim de Infância da Regueira.

De Vila Nova, Miranda do Corvo, e as Amigas do Instituto das Estradas de Portugal, em Coimbra, marcaram presença, mais uma vez, a 16 de Maio, com a oferta de lacticínios, essenciais para a nossa alimentação. Muito obrigado pelo vosso carinho conosco.

ARCAS CONGELADORAS — As arcas de frio têm avariado várias vezes; o que nos preocupa muito, pois põem em risco os alimentos que aí se conservam. Desta vez, a arca da congelação teve de levar um motor novo, que custou muito.

TRANSPORTES — A velha carrinha Ford está a ficar gasta, mas não cansada de acartar coisas e Rapazes. Como tinha que ir à inspecção, foi levada à garagem; e o seu conserto foi caro.

ESTÁGIOS — O Carlos Gonçalves (Dalua), a 19 de Maio, começou, num restaurante de Miranda do Corvo, o seu estágio de Cozinheiro, do Curso tirado na Quinta da Conraria. O João Pedro completou, com algumas peripécias, o 9.º ano do Curso de Cozinheiro, do Colégio S. Martinho, em S. Martinho do Bispo, e está a estagiar num restaurante de Coimbra, desde o mesmo dia.

ANIVERSÁRIOS — A data do nascimento dos membros desta Família é muito importante. Com antecedência, é falada entre nós. No mês de Maio, fizeram anos vários Rapazes: Rúben Fonseca (dia 1 - 21 anos); Pedro Costa (dia 5 - 16 anos); Diogo Silva (dia 17 - 11 anos). Ao jantar, na sala, tiveram bolo e velas, cantaram-se os parabéns e foi distribuída uma pequena fatia a todos. Parabéns aos aniversariantes!

DESPORTO — O Campeonato Inter-Casas do Gaiato acabou a 24 de Maio, Sábado. A Câmara Municipal cedeu-nos uma carrinha para nos deslocarmos a Paço de Sousa. Alguns Rapazes (14), do nosso Grupo Desportivo estiveram presentes nesse dia. Na viagem, em Antuã, encontrámo-nos com os Rapazes de Setúbal. Com muita chuva, chegámos, em conjunto, à hora marcada, 13h00, para o almoço. O jogo de futebol, entre a selecção de Miranda do Corvo e de Setúbal, ainda bem que

teve uma arbitragem à altura. Os treinadores de ambos os Grupos Desportivos (Chola e Jaime) passaram pelo banco. O resultado foi de 6-4. Para os Responsáveis das Casas, entregámos uma peça de barro, típica da região. Seguiu-se a entrega de prémios, no salão de festas: 2.º lugar, por Equipas; melhor marcador (Reinaldo); melhor guarda-redes (Cristiano); jogador mais novo (Natanael); pois inscrevemos vários Rapazes da casa-mãe). Também, fomos a melhor defesa e o melhor ataque. Nas palavras finais do Senhor Padre João, houve alguns avisos. Depois da merenda, partimos pelas 20h00, sob chuva torrencial, a par dos Rapazes de Setúbal, e parámos na Mealhada, antes de chegarmos a nossa Casa, pelas 22h45.

BAPTISMOS E PRIMEIRA COMUNHÃO — A solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, a 22 de Maio, foi um dia grande na nossa Casa do Gaiato. Na realidade, 7 dos nossos Rapazes receberam o Baptismo e a Eucaristia, na Capela da nossa Casa do Gaiato. Antes, como preparação próxima, fizeram um dia de retiro, a 18 de Maio, Domingo, orientado pelo Senhor Padre Rolando e acompanhado pelas Catequistas Madalena, Professora Paula (cuja filha, Paula, também fez a Primeira Comunhão) e Mafalda, com Eucaristia em Bendafé e visita ao baptistério de Conímbriga (séc. IV). A 20 de Maio, o Senhor Padre António Antunes conversou, no nosso Oratório, com eles sobre esses Sacramentos. A Senhora D. Nazaré contactou, de perto, com os Padrinhos e Madrinhas, escolhidos para o Baptismo de cada um, e orientou, com senhoras Amigas, a preparação da sala de jantar e do almoço. Estiveram presentes três mães de Rapazes: Maria Antónia (do Arlindo); Maria de Fátima (do Madi); e Sábado (do Natanael). As Madrinhas vestiram, na casa-mãe, os afilhados, com roupas (usadas) que arranjámos. Pelas 11h00, começou a Celebração Eucarística, concelebrada pelo Responsável da nossa Casa e pelo Senhor Padre João. Entre muitos Amigos, estiveram presentes: como Padrinhos, o Professor Fausto (Presidente do Agrupamento de Escolas) e Professora Maria Etelvina, Adriano e Maria Helena, João Carlos e Marina, António José e Daniela Margarida, Eduardo Joaquim e Maria José, Mário e Maria Purificação, e Carlos José e Luziene, outros Catequistas (Professor Valter e João Marcos), vários Professores (Paulo, Ângela, Teresa e Joana, Carlos Manuel e Maria Helena) e vizinhos Amigos. Conforme o guião simples, que foi distribuído, no átrio, os baptizando, já crescidos, pediram o Baptismo à Igreja e entraram, na Capela, ocupando os lugares em volta do Altar, enquanto se cantava Somos a Igreja de Cristo. Depois da Liturgia da Palavra, foi celebrado o Baptismo de: Arlindo Augusto, Bacar, Diogo Manuel, Igor Filipe, Joaquim Miguel, Madi Júnior e Natanael Ilis. Com as toalhas e as velas acesas, cantou-se Vós que fostes baptizados em Cristo. Depois, na Comunhão, receberam Jesus Cristo, o Pão da Vida, pela primeira vez! A Consagração a Nossa Senhora, concluiu a celebração, muito

sentida e vivida, por uma assembleia numerosa. O Mário tirou muitas fotografias. O almoço servido, depois das 13h00, foi bem confeccionado e cheio de alegria. Um bolo duplo e bonito foi saboreado por todos, depois da entrega de lembranças escritas aos novos cristãos desta Casa, e da Igreja!

Alunos do Alternativo

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Com o aproximar do fim deste ano lectivo, fazem-se os últimos testes de avaliação de conhecimentos adquiridos. Os Rapazes do 9.º ano prepararam-se para os exames nacionais de Matemática e Língua Portuguesa. Bom trabalho!

CASA — No dia da Festa da Santíssima Trindade, 18 de Maio, Domingo, realizaram-se, em nossa Casa, o Baptismo e a Primeira Comunhão de alguns dos nossos Rapazes. Foi uma festa! Depois da Eucaristia, seguiu-se o almoço com os respectivos padrinhos. Agradecemos à D. Fátima e D. Henriqueta o óptimo almoço que nos proporcionaram, neste dia!

Olhar

*Um olhar profundo
É o mais longínquo da nossa vista,
Mas também é lindo de apreciar.
Um olhar triste
É frio, magoado, amargurado,
Mas toca no coração de quem vê.
Um olhar alegre
É quente, feliz e sonhador,
E quem o sente ou cria
Deixa transparecer sua alma
E enche-se de paz...
E causa o mesmo sentimento
A quem o observa.
Tudo o que nos acontece,
Tudo o que sentimos
Os nossos olhos
Não conseguem esconder.*

Zé Reis

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Programámos para o próximo dia 6 de Julho o nosso Encontro Convívio anual, esperando a tua presença, só ou acompanhado, como é normal e habitual.

Tudo começará pelas 09h00 da manhã, com os procedimentos do costume, apelando, desde já, para que todos procurem não chegar muito tarde, uma vez que começam os transportes assim que se vai notando haver faltas, e tudo se complica.

Não pedimos mais a cada um do que colaborar, sempre que seja pedido, para hem da organização, e também não podemos deixar de lembrar que, se for possível, poderão fazer-se acompanhar de algumas iguarias para

a «merenda», já que o almoço é da nossa conta e risco, não esquecendo também a garrafito ou o garrafãozito, como também tem sido usual.

Esperamos que esteja tempo de Verão e, se assim for, estará disponível a piscina, o campo de futebol e as cartas, pelo menos.

Pelo correio, vamos enviar a correspondência que dará conta do Programa, que à chegada deste número d'O GAIATO já deverá estar em teu poder.

Não nos é possível realizar este evento no dia 29 de Junho, como seria desejável, mas fomos obrigados a mudar a data por impedimento da presença do nosso Padre da Casa nesse dia a tempo inteiro, mas estamos convencidos de que tudo correrá bem.

Aproveitamos para informar que se encontra de luto, pelo falecimento da sua Esposa, motivado por doença, o nosso colega Rui Lopes Teixeira da Fonseca, que vive em Coimbra, donde é natural, a quem enviamos os nossos sentidos votos de pesar, bem como a seus filhos.

Manuel dos Santos Machado

SETÚBAL

SENHORAS — A senhora D. Conceição, que esteve internada no hospital durante algum tempo, voltou para junto de nós. Já lá iam alguns dias que sentíamos a sua falta, mas agora que voltou, está tudo bem. A D. Conceição assume na nossa Casa um papel importante, ao trabalhar diariamente na cozinha, onde prepara e orienta tudo o que diz respeito à nossa alimentação, que achamos indispensável ao nosso crescimento. Fora da cozinha, a senhora toma outras funções, com ajuda de um ou dois Rapazes, dedica-se à preparação do nosso vestuário. Também tem muito gosto em ver a nossa capoeira bem tratada e recheada de aves, de que ela tanto gosta.

TORNEIO — Todos os anos entre os nossos Rapazes realiza-se um torneio de futebol que tem como objectivo ocupar tempos de lazer, para intensificar o convívio entre nós. Neste torneio participam Rapazes que normalmente não integram a selecção da Casa, mas a organização resolveu colocar dois Rapazes desta, porque todos os anos eles participam. Dentro das quatro linhas a conversa passa a ser outra, em que os Rapazes assumem um cargo de colaboração uns para com os outros. Já se realizaram duas jornadas em que as equipas se mostraram, por vezes, ao nível desejado, mas, mesmo assim, não deixou de haver futebol determinado, em que todos lutaram para ganhar. Uns ganharam, outros perderam, mas em qualquer desporto é mesmo assim. Esperamos que os nossos Rapazes, mesmo perdendo, não percam o espírito e a vontade de conviver neste torneio, e continuem a jogar.

VACARIA — Na nossa vacaria não há tempo para descanso. Ora

Património dos Pobres

A névoa do tempo e as ondas sucessivas do sofrimento fazem-me esquecer pessoas que eu queria ter sempre presentes em meu coração.

Tinha uma confusa imagem de ter visto, em certa zona pobre de Setúbal, a Ana com uma criança de rabinho nu e uma pequena camisa a cobrir-lhe o resto do corpo.

Cada vez que a sua lembrança desabava sobre o meu íntimo, fazia-se acompanhar, simultaneamente, de uma incurável dor.

Alguém me falou que ela passaria mal e me deu a sua hipotética morada.

Se «quem tem boca vai a Roma», muito mais quem está dorido procura alívio.

Não foi difícil.

Perguntámos à primeira pessoa que logo nos indicou a casa e fomos direitinhos bater-lhe à porta.

— *É fulano.* — Disse-lhe a minha companheira. Ela nem queria acreditar. Pôs a cabeça fora, entre as fitas mosqueteiras da porta de entrada, deu um «ai» repentino e um «esperem um pouco», e meteu-se para dentro a arrumar a casa.

Dentro de mim despertava um vulcão de sinistras recordações.

O pai fora duas vezes ter comigo à Casa do Gaiato, pedir que lhe recebesse os filhos que a mulher tinha abandonado.

— Não é possível; muito menos uma menina; procure a sua mulher — despachava eu, impotente.

Naquela manha marçalina, de sol entre nuvens, o homem encontrou-me à porta do hospital, andrajoso e debilhado em lágrimas: — *Venha ver os meus filhos, se não eles morrem lá.*

Era uma ordem soberana a que devia obedecer prontamente.

O homem tinha razão. As crianças, um menino e uma menina,

estavam sentadas nuns trapos nojentos, seminuas e cobertas de feridas, com largas pústulas, exalando um cheiro insuportável, numa barraca.

Corri. Pedi socorro a um familiar meu, já que não as podia levar para a Casa do Gaiato por ter tudo cheio e as senhoras estarem demasiado sobrecarregadas.

— Ao menos quinze dias, até achar outra saída. — Pagámos a uma ama durante ano e meio, até os podermos incluir no grupo da Casa.

A Ana, de carácter doce e meigo, frequentou um colégio de meninas durante oito anos!... Ao fim-de-semana e nas férias regres-

sava a nossa Casa. Era lá a sua, e a nossa família!...

Já com treze anos e no quinto de escolaridade, é connosco surpreendida pela visita de uma sua irmã adulta, que a iludiu com mundos e fundos!... Em oito dias, com mais duas visitas, levou-a sem rasto, deixando-nos mergulhados num frequente e horrível mar de sofrimento!...

Ela estava, agora, ali!... Naquela casinha alentejana de dois janelos e porta de alumínio. Os filhos, um de cinco e outro de dez anos, depois de nos mirarem, corriam à nossa volta, um atrás do outro, a brincar, rindo em soltas e inocentes gargalhadas, como a adivinhar uma feliz novidade!

A Ana saiu de casa e abraçou-se a mim, a chorar: — *Agora, é que eu tinha idade para sair de Casa!... Nem posso crer que esteja aqui!...*

Cumprimentou a minha guia, chamou os filhos, acarinhando-os com os braços por cima deles, e apresentou-me: — *Este senhor, é o avô!*

Entrámos em casa e ela desfazia-se em desculpas: que a casa estava muito desarrumada, que chovia lá dentro, que não tinha mobília, que os miúdos eram muito travessos, etc. (...) Depois, olhando-me nos olhos, concluiu: — *A minha vida tem sido uma tragédia!...*

Começou a tirar a pele a um frango para o jantar. Mas, não nos oferecia nada. Então, perguntei: — *Queres ir comigo ao supermercado que eu pago-te um avio?*

Tinha celebrado Missa por alma de um médico amigo e a viúva dera-me 300 euros. Achei ser graça de Deus gastá-los com ela!

Após amigável discussão, se os miúdos nos deviam acompanhar, ofereci-me para tomar conta deles enquanto as duas senhoras faziam as compras.

Setúbal

Continuação da página 1

Embora o problema não se resolva nem possa ser resolvido só porque existimos para os Rapazes, no entanto eles connosco conseguem colocar cada coisa da sua vida no seu lugar, e a si mesmos num quadro equilibrado da vida. Ela pode ser refeita e voltar a ter de novo sentido.

Viver em família no tempo actual não é vocação fácil. São muitos os factores desagregadores que a sociedade gera. São muitas as mães, únicas responsáveis pelos seus filhos, autênticas heroínas a lutar contra os efeitos dessas misérias sociais. Nós simplesmente estamos ao lado, combatendo o mesmo combate.

Padre Júlio

estamos a dar de comer ao gado, o leite aos bezerros, ou a ordenhar as vacas, há sempre motivo para sermos chamados a uma emergência, como ajudar no nascimento de um vitelo. Todas as semanas, ou todos os meses, a cena repete-se, porque nós temos bons bois que são substituídos quando chega a altura certa. De dois em dois anos, um senhor nosso Amigo, oferece-nos da sua vacaria um bezerro que nós criamos para ser um boi cobridor, substituindo os que terminaram o seu tempo.

PISCINA — Aproxima-se o Verão e nós queremos aproveitá-lo ao máximo. Para isso, temos a nossa casa na Arrábida, mas como é mais pequena do que a nossa quinta, e nesta precisamos de ter sempre alguns Rapazes para as tarefas diárias, nela ficarão alguns. Para estes, temos a nossa piscina que há pouco tempo começou a ser remodelada. Devido à fuga de água que se fazia notar todas as vezes que a piscina era utilizada, tivemos de isolar as paredes com um produto próprio, fazendo o acabamento com pas-

tilha. Assim, temos uma piscina renovada, pronta a ser utilizada por nós.

Daniilo Rodrigues

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

ENCONTRO — Começámos a preparar o nosso Encontro Anual, este ano a 20 de Julho.

Como em anos anteriores, o almoço é oferecido pela Casa, assim como a merenda. Mas, ficar-nos-ia bem uma colaboraçãozinha com a sobremesa... Quem puder e tiver gosto, aqui tem uma forma de marcar presença, também.

As cerimónias do dia, são do conhecimento de todos, assim como o horário.

A deposição da coroa de flores no túmulo de Pai Américo, será às 11h00

— se és contemporâneo dele e gostarias de lhe fazer a tua homenagem, é a hora certa, fala connosco.

De seguida, a Eucaristia — gostaríamos de a ver mais participada, principalmente pelos mais novos, mas sabemos que a distância, às vezes, serve... e chega-se um pouco mais tarde.

As actividades para a tarde estão na calha. Veremos o que poderemos fazer quanto ao entretenimento, mas podemos trazer equipamento desportivo e a piscina é sempre apetecida.

Pensamos chegada a hora de «entregar a pasta», apresenta a tua lista na reunião da Assembleia Geral e faremos a respectiva votação.

Avisa-nos, também, da tua vinda, para que não aconteça como em outras alturas: esperarmos cem e aparecerem duzentos. Podes fazê-lo, até 12 de Julho, através do telefone, 255 752 285, ou pelo 919 699 361, ou, ainda, por e-mail: aagnorte@gmail.com.

Na esperança de que tudo corra bem, ficamos a aguardar a vossa confirmação e, no dia, a vossa presença.

Júlio Fernandes

Uma mão a cada um e... lá vamos nós!

Os pequenos nunca tinham entrado em tal maravilha!... O *super* é enorme e, àquela hora, regurgitava de gente!... As luzes!... Os cartazes!... As bicicletas e as motas!... Tudo era um deslumbramento!... As crianças saltavam de contentamento, e eu exultava de alegria interior: Como é bom ser dos Pobres!... O mundo à nossa volta não dava por nada, enfeitado como anda pelo consumo! Eu era um homem simples com duas pobres crianças pela mão! O meu gozo era tão invisível como a minha Fé.

Às tantas, o maiorzinho, um pouco deficiente, precisou de ir à casa-de-banho. Atravessámos o vasto espaço e a festa intensificou-se quando, por não chegarem ao sabão líquido, lho apanhei nas minhas mãos e lhes esfreguei as suas, debaixo da torneira do lavatório. Depois, foi o enxugá-las no ar quente da máquina com sensor electrónico. O aproximar das mãos fazia disparar a ventoinha e eles deliravam de prazer com saltos e guinchos inesquecíveis, aproximando e retirando as mãozinhas.

No regresso, ao encontro da

mãe, deparamos com um comboio e o mais pequenino pulou para o banco, *obrigando-me* a gastar um euro, para mais esta arrebatadora experiência. Comprei-lhes, de seguida, um cartucho de deliciosas pipocas, que os entreteve até ao fim.

Encontrámo-nos na caixa. A mãe empurrava o carro a abarrotar!... Pagámos 149 euros. Mas ela também precisava de uma máquina de lavar roupa. Os trezentos euros foram engolidos e não chegaram!... Como na Eternidade deve ter gostado o Médico da aplicação feita à oferta da sua Esposa, pela Santa Missa!...

Sempre que descer ao Sul, hei-de visitar a Ana.

O Seu filho mais velho precisa de um amparo psicológico sério. O oficial não basta. A casa, por que paga 150 euros mensais, exige arranjos urgentes e a mobília, desengonçada e partida, pede substituição.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

O melhor do mundo são as Crianças

Continuação da página 1

Felicitemos também os casais adoptivos — são tantos os que abrem o seu coração ao dom maravilhoso da paternidade-maternidade, que está para além da simples natureza, acolhendo no seu regaço, independentemente da cor da pele e até da deficiência, tantas Crianças.

Felicitemos as Instituições de acolhimento, seja temporário ou permanente, cuja função é dar o colo possível em tempo útil e irrecuperável para que danos maiores sejam evitados na vida das Crianças. Aos educadores que no interior das escolas, por vezes em condições difíceis e nem sempre devidamente apreciadas, se tornam verdadeiros pais e mães; confidentes indispensáveis; esteios do crescimento na descoberta dos valores do mundo e da vida.

Coma o mundo seria bem diferente se o nosso poeta fosse escutado como o pedagogo de todas as horas: «menino queres ser meu mestre... contigo tinha muito que aprender...»

Padre João

Malanje

Continuação da página 1

Não se vêem crianças nas ruas, se algumas nas casas são uns mimalhos. Conheço aldeias onde nasceu a erva no centro das ruas e na beira das casas carreiros acesos pelos passos dos velhinhos, a caminho da sopa nos Centros de Dia. Têm razão os que afirmam: «onde vais, Portugal».

Também é certo que não há empregos, estruturas e bens para muitos filhos... Os nossos sábios, em vez da esgrima, deviam preocupar-se com os campos incultos e terrenos enormes vendidos aos estrangeiros e que logo se transformaram em pomares e olivais. Seriam fonte de emprego e de progresso.

Sem crianças Portugal vai entrando em agonia.

Padre Telmo

MOÇAMBIQUE

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

ESTAMOS a terminar três salas de aula apropriadas para formação permanente dos Agentes de Saúde, Informática, Gestão e demais pessoas em lugares de responsabilidade. Foram oferecidas pela Cooperação Portuguesa do Ministério do Trabalho e Solidariedade Social.

A oficina de mecânica só falta o portão, por carência de material no mercado, e, ainda, muita ferramenta. Não é que não tenhamos, mas porque sendo área de muito movimento vai desaparecendo pelo uso e abuso e falta de condições para a devida arrumação. Sendo lugar de formação, a ordem é essencial.

Igualmente, com o apoio da Cooperação Portuguesa, estão quase a funcionar as duas salas anexas à Escola da Casa. Biblioteca e sala de leitura uma, e, outra, de Laboratório. Enquanto esta não está montada, os Rapazes deliciam-se a ver cinema, aos sábados à noite, com a aparelhagem que o senhor Embaixador de Espanha nos trouxe neste Natal,

em que passou a noite e todo o dia connosco. Não temos lugar melhor, enquanto não resolvermos o problema do nosso salão de festas. Quem o viu e o vê agora fica triste. A telha deixa passar a água, tão desejada nos campos e ali tão prejudicial. O palco está degradado e tudo fica inundado quando chove.

O que temos para o futuro nem vou dizer. A seu tempo esperamos ajudas necessárias aos vários sectores da Casa que não está completa e carece já de reparos.

Quando, diante de Deus, quero pensar no que poderá ser o futuro das nossas Casas em Portugal, que as Autoridades não querem reconhecer como eficientes na educação de crianças abandonadas ao seu alvedrio de Estado-protector absoluto, sinto angústia por elas. Andam jogadas em esquemas lógicos de xadrez, donde só saem perdidas. Será que vamos acabar por entrar nos roteiros turísticos, do que Portugal tem para mostrar ao mundo, como uma obra morta, revitalizada para hospedagem dos passeantes? Será mais importante

como geradora de divisas, ela a Obra da Rua, que em sessenta anos não custou nada ao Estado e lhe deu tantos e ricos resultados a ponto de Pai Américo dizer: «ditosa Pátria se os amas»?

Enquanto isto, por esta África fora, continuamos a ser uma palavra nova. Houve, em Maputo, uma semana de reuniões dos Administradores do Banco Africano de Desenvolvimento — o BAD. O nosso Governo programou uma série de visitas, para suas esposas. Uma foi a nossa Casa. Quase nada puderam ver. Logo ao passar na Massaca, com todas as crianças cá fora, queriam descer do autocarro, para fazer festas aos pequeninos. O Protocolo não permitiu porque o tempo era limitado. Só da cidade aqui demoraram duas horas em autocarro de luxo. Foram recebidas com danças pelos Rapazes e algumas mães que aqui trabalham. Subimos logo à nossa «tenda do Encontro», O que é habitualmente para nós um lugar de culto, para o encontro com Deus, ali e naquele momento, um

encontro com aqueles para quem somos o testemunho do amor de Deus. Estavam todos os Rapazes de Casa e os alunos externos da Escola. Explanei um pouco o nosso trabalho e acabei dizendo que também somos um banco africano de desenvolvimento para

o povo que nos rodeia. Porém, um banco sem fundos nem accionistas, senão aqueles que amam os nossos Rapazes. Prometeram todo o apoio que ainda não sei como irá concretizar-se, mas uma coisa é certa. Admiraram, apreciaram o funcionamento da Casa, sem funcionários, nem lugares cativos para administradores. *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes* como é o nosso lema e ainda não apareceu outro com mais valia e sem remuneração.

Padre José Maria

BENGUELA

Amar: palavra de significado difícil

ANTES de subir para vos escrever, dei um salto à cidade a bater à porta de duas empresas, na busca de emprego para mais alguns rapazes. É uma peregrinação que não termina, enquanto houver filhos em nossa Casa. Bendito seja! Somos para eles. São a nossa cruz e a nossa glória. É assim com todos os pais que o querem ser, de verdade. É assim com todos os filhos que buscam a sua autonomia, depois do percurso normal da sua formação.

Há, contudo, outra carga em nossa vida, bem mais pesada que a dos filhos que são nossos, que vivem em nossa Casa. Mais duma centena e meia de famílias, na sua maioria são mulheres com seus filhos, vivem do que somos e temos. Continuamos à espera da hora da sua libertação. Entretanto, queremos levar este peso, confiando sempre na ajuda que nos podeis dar. Não têm para onde ir e não podem ficar no chão.

A razão de ser da vida de cada um de nós é Amar. É uma palavra de significado difícil. Muito exigente, pois vai ao ponto do dom da nossa própria vida. Por isso, muitas vezes, temos medo dela, porque julgamos que perdemos, quando damos por amor. Por outro lado, quem faz a experiência da generosidade alegre apercebe-se que a sua vida pode encher-se dum sentido belo e profundo. Vale a pena ser vivida. Claro, a decisão deve tomá-la cada um pessoalmente.

Recebi, há dias, uma mensagem escrita que um pequeno grupo de Amigos me entregou pessoalmente, a pedido doutro Amigo que vive em Portugal. Nasceu em Benguela. Conhece a nossa Casa, desde o seu nascimento. As suas palavras mostram o seu grande amor por estes filhos. Diz: «Lembro-me da primeira Casa do Gaiato e da nova que foi construída a seguir. Lembro-me dos Gaiatos que foram meus amigos e colegas escolares e, também, como professores. Neste caso, o Júlio Pires de Sousa que passou por essa Casa e, agora, está no Montijo, como professor reformado. Que Deus lhe dê forças para continuar essa Sua Obra que é a Casa do Gaiato de Benguela». Faz acompanhar a mensagem com uma ajuda material, mostrando a sua grande alegria em poder ajudar-nos.

Ontem, algumas centenas de crianças e adolescentes passaram o dia connosco. Vieram das suas casas, onde deixaram os pais e regressaram ao fim da tarde. Estavam felizes, mas dei conta da sua admiração, quando ouviram dizer que havia muitos filhos, em Angola, sua terra, que não tiveram a felicidade que eles têm. Faltou-lhes o lar familiar, o carinho do pai e a ternura da mãe. Mas têm a mesma dignidade e os mesmos direitos. Por isso devem ser olhados e amados como irmãos. A razão de ser da Casa do Gaiato é procurar ser a Casa de Família desses filhos, ajudando-os a entrar na sociedade como cidadãos normais. Deste modo, estamos a pôr uma pedrinha preciosa no edifício da Angola nova que todos queremos ver.

Quando os filhos dão conta de que são fruto do amor e vêm nos pais o testemunho vivo e diário, também querem ser felizes seguindo o mesmo caminho. Estou a pensar no Paulo que foi pequenino em nossa Casa. Cresceu. Preparou-se para a vida. Casou-se. Vieram os filhos que olham para a Casa do Gaiato como sua Casa também. Agora, tudo faz, no mundo dos seus conhecimentos e dos amigos, para que venha uma ou outra ajuda para necessidades urgentes. Quem dera todos os filhos nascessem e crescessem no seio da sua família natural. É um direito humano que deve ser respeitado e defendido por todos os meios.

Padre Manuel António

Conforme o coração com que recebe,
assim o Homem tem o sabor dos dons de Deus

Antinomia Deus-Mammona (este o nome que o Evangelho usa para sintetizar tudo o que é anti-Deus: o dinheiro) culmina, neste Domingo VIII do Tempo Comum, o pensamento que, ao longo da semana, um livro sapiencial do Antigo Testamento, o *Eclesiastes*, foi desenvolvendo sobre a vanidade das riquezas e da generalidade das coisas criadas, se o homem, por sobre o servir-se delas, fixa nelas o seu coração como se elas fossem um fim para si.

Algumas passagens: «O avarento nunca se sacia com o dinheiro e não tira proveito da riqueza» (...) «Onde abundam os bens, abundam os que os consomem — e que benefício tira o dono senão contemplá-los com os seus olhos?!» (...) «O sono do trabalhador é sereno, mas a fartura do rico não o deixa dormir» (...) «É bom para o homem comer, beber e gozar o fruto do trabalho que suportou debaixo do sol nos poucos dias de vida que Deus lhe dá. É esta a sua sorte. Se Deus concede a um homem riquezas e bens e também a faculdade de os gozar e com alegria desfrutar o fruto do seu trabalho — isto é um verdadeiro dom de Deus, porque assim ele não tem de pensar muito nos dias da sua vida enquanto Deus enche de alegrias o seu coração.» (...) «Mas pode suceder que a um homem Deus tenha dado fortuna e honras e nada lhe falte de quanto desejou, porém não lhe deu o poder de gozar delas e é um estranho que delas se aproveita — também isto é vaidade e grande desgraça.»

Quando a vida já passou por nós uns poucos de anos, quem não encontrou nestas palavras bíblicas realidades observadas, senão mesmo experimentadas?! Deus tudo fez para o Homem e sobre tudo lhe deu poder. *Nosso* é o possessivo divino comunicado ao Homem. Só nele cabe harmoniosamente

o meu e o teu. Falhamos nós no conhecimento de nós próprios e no reconhecimento da dignidade que Deus nos conferiu. Falta-nos a sabedoria da recta valorização do dons de Deus e do modo de os recebermos e de os porrmos em acto. Daí, a nossa má gestão desses valores; daí, o desabafo do Autor do Livro de Qohélet logo no seu início: «Ó vaidade das vaidades! Tudo é vaidade!»

Quem dera todos atendessemos ao alerta de S. Paulo a Timóteo: «o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males»; e evitássemos tantos sofrimentos que aquele amor atrai! A nível das pessoas, das famílias, das nações, não há conflito em que o dinheiro não tenha protagonismo. Como seria diferente este mundo de injustiças, portanto pobre de paz, se brotasse da inteligência e da vontade de cada homem, plenamente, sincera e veemente, a prece bíblica que remata estes textos: «Uma coisa Te peço, Senhor; não me negues. Não me des riquezas nem pobreza, mas somente o que é necessário à minha vida!»

Não haveria iniquidade nem mentira, nem dúvida nem divisão sobre a Quem servir: Um Sim a Deus, absoluto, capaz de pôr Mammona no seu lugar servir. O dinamismo próprio da Justiça do Reino de Deus desencadearia a onda da suficiência universal que haveria de afogar toda a preocupação dos homens com o dia de amanhã: um tsunami de sentido inverso e efeito oposto!

Será utopia, no sentido mais passivo e estéril que possa dar-se à palavra?...!

Não sei de outro caminho para uma Sociedade justa, pacífica, fraterna — qual é o carácter do Reino de Deus que Ele quer instaurar, desde já, na terra dos homens.

Padre Carlos